

*Ex-docente*

**PROF. CARLOS LEITE MACIEL FILHO**



Foto: Arquivo Pessoal

Nascido em 1938, na cidade de Porto Alegre. Seus pais, originários da capital, estavam residindo em General Câmara, cidade com poucos recursos onde se criou até os 14 anos quando foi para o Seminário de São José, em Gravataí, onde completou o segundo grau. No Seminário de Viamão cursou Filosofia por um ano. Em 1958 foi trabalhar em Porto Alegre. Seu primeiro emprego foi no Banco Nacional do Comércio, hoje, absorvido por outra instituição financeira. Em 1960 entrou no Curso de Geologia da UFRGS.

O professor Maciel, relembra que os anos de estudante universitário foram muito agitados, como costumam ser. Morou na Casa do Estudante da Rua Riachuelo. Além de estudar bastante: "a nota de aprovação era 6, o curso era anual e não havia possibilidade de avançar o ano com pendência em uma disciplina" ressalta. Participou do Centro Acadêmico, da política estudantil, da JUC, da AP e trabalhou na Secretaria do Trabalho e Habitação em 1963 e 1964. Em 22 de dezembro de 1964 recebeu o diploma de geólogo. Enfim, tinha uma profissão de nível superior e poderia almejar um bom emprego.

**APUSM: - Quando se formou era sua intenção ser professor?** - Não. Queria trabalhar como geólogo, de preferência na SUDENE, na pesquisa de água subterrânea. Naquele ano, no entanto, os quadros da SUDENE foram reduzidos bem como sua dotação orçamentária. Aceitei, então, o chamado da Petrobrás para qual já tinha feito concurso. Aliás, era a primeira vez que a Petrobrás fazia concurso para contratação de geólogo. Nos anos anteriores bastava se apresentar como geólogo e era contratado. Havia muita falta desse profissional. Por isso, também, recebíamos bolsa para estudar, isto é, uma ajuda de custo para se manter, uma vez que o ensino era gratuito. Havia um programa especial, chamado CAGE, que além de equipar muito bem as escolas de geologia que na época da criação dos cursos em 1957 eram seis, dava essa ajuda de custo. A outra entidade que dava tais bolsas era a Petrobrás. Os cursos de geologia foram criados no Brasil em função da criação da Petrobrás em 1954.

**APUSM: - Como foi sua experiência na Petrobrás?** - Eu já tinha tido outros dois empregos como funcionário burocrático. Havia feito um estágio na Petrobrás, em equipe de sísmica. Na Petrobrás, Região de Produção da Bahia, onde ingressei em 18/01/1965, recebi o batismo de profissional técnico. De repente passei de estudante pobre, inclusive morador de casa de estudante, para profissional com bom salário. Ao mesmo tempo tinha de decidir operações em poços de exploração de petróleo que correspondiam a valores bem acima do meu salário. Confesso que uma vez solicitei uma operação desnecessária. O geólogo sênior havia se ausentado e as decisões tinham de ser tomadas na hora. Os trabalhos nos poços se desenvolvem 24 horas por dia, todos os dias da semana e havia sempre dois geólogos por poço. Para descansar, um saía e outro ficava. Em compensação a cada três dias de trabalho tínhamos um de folga. Esta situação mudou. Veja. Não tínhamos nem dia, nem horário, nem local muito definido de trabalho pois éramos mandados para qualquer poço exploratório na Bacia do Recôncavo Baiano. Senti então a falta que faz certa rotina da vida em sociedade: fins de semana, noites livres, etc.

**APUSM: - Chegou a trabalhar em plataforma no mar?** - Não. Na minha época a exploração era concentrada na Bacia do Recôncavo Baiano. Se não tivesse saído da Petrobrás eu deveria fazer um curso no México sobre exploração *off shore* e depois seria um dos primeiros a ir para plataforma. Mas isto não aconteceu porque pedi demissão em novembro de 1967.

**APUSM: - O que motivou esse pedido de demissão?** - Simplesmente recebi uma carta de meu colega de aula, Egydio Menegotto, que já era professor da UFSM, dizendo que havia uma vaga para professor de geologia para o Curso de Geografia e ele a estava segurando para mim. Pedi demissão e vim com todos os meus pertences que não eram muitos. Nessa ocasião, meus pais, pela segunda vez estavam me visitando na Bahia. Viemos de lá apertados num fusca 1200. Mesmo diminuindo o salário, preferi voltar para o RS e ter uma vida mais de acordo com o normal das pessoas.

**APUSM: - E o batismo como professor na UFSM, como foi?** - Foi sofrido, principalmente para os alunos. Meu ingresso ocorreu no dia 1º de dezembro de 1967 e naquele mês eu recuperei as aulas que deixaram de ser dadas pelo professor que tinha saído. Nunca havia estudado qualquer coisa sobre didática e os pobres dos alunos tinham de aprender geologia na marra. Depois vieram as piores férias que passei em Santa Maria. Só conhecia os outros dois geólogos que chegaram aqui antes de mim, Egydio Menegotto e Pedro Sartori, e eles naturalmente saíram de férias, enquanto que eu tive de ficar fazendo expediente no Instituto de Solos e Culturas, da época. Nunca almejei tanto para que comessem as aulas para eu ter uma motivação de trabalho.

**APUSM: - E a rotina dos primeiros anos de magistério?** - Em 1968, também minhas alunas sofreram com o professor. Entre elas estava Lucila que ingressara no Curso de Geografia e com quem iria me casar. Naquele ano, Egydio Menegotto, Pedro Sartori e eu, fizemos nosso primeiro trabalho de pesquisa que resultou na definição da Formação Tupanciretã que consta hoje nos mapas de Geologia. Este trio iria se consagrar em trabalhos conjuntos e recebeu da Irmã Consuelo, Diretora do então Centro de Estudos Básicos, o apelido de Os Três Mosqueteiros. De 1969 a 1971, lectionei para o Curso de Geografia, para o Curso de História Natural que mais tarde se transformaria no Curso de Biologia e para o Curso de Engenharia Civil. Em 1971 houve a reforma universitária, o Instituto de Solos e Culturas foi extinto e passei para o Departamento de Geociências que comportava geógrafos e geólogos.

**APUSM: - O que marcou esses primeiros anos na UFSM?** - Muito entusiasmo, vontade de trabalhar, de se adaptar às exigências dos cursos para os quais lecionava. Meu regime de trabalho sempre foi o de tempo integral e dedicação exclusiva. Havia na UFSM uma dedicação para superar as dificuldades de uma universidade do interior. Em 1969 comecei a trabalhar com os alunos mais interessados, tendo eles bolsa ou não, tarefa esta que continuou até minha aposentadoria. Tive vários orientados como simples bolsistas ou colaboradores ou para elaboração de monografia de especialização, dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Esta foi uma atividade muito gratificante. Como lecionava também para o Curso de Engenharia Civil, vislumbrei uma oportunidade de me aperfeiçoar numa especialidade que na época estava dando seus primeiros passos, a geologia aplicada à

engenharia, hoje designada como Geologia de Engenharia. Por isso, fiz um estágio no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, IPT, em janeiro e fevereiro de 1971 que foi marcante para minha profissão.

**APUSM: - Como foi a experiência da pós-graduação?** - Em 1972 entrei no Curso de Mestrado em Geologia, concentração em Geologia de Engenharia, da UFRJ. Aluguei meu apartamento daqui, coloquei meus pertences num Sinca e fomos, eu, Lucila e o Marcus com 6 meses, para o Rio de Janeiro e nos hospedamos na casa de um amigo, ex-colega da Petrobrás. Naquela época a vida no Rio de Janeiro era mais fácil e alugamos um apartamento na Praia do Leme. Foi um período muito bom. Nessa cidade, em maio de 1973, nasceu nosso segundo filho, Rodrigo. Em julho voltamos para Santa Maria. Tinha completado as disciplinas mas não a dissertação. Foi um erro. Assumindo as aulas no segundo semestre de 1973, só consegui defender a dissertação em 1977.

**APUSM: - As expectativas de valorização docente com o mestrado eram grandes?** - Sim. Na época poucos professores tinham mestrado e as ideias para melhorar o ensino e a pesquisa fervilhavam na cabeça. A dissertação em mapeamento geotécnico marcaria meu engajamento nesta área.

**APUSM: - E o doutorado?** - Entre o retorno do mestrado e saída para o doutorado passaram-se três anos. Recém tinha terminado minha casa no Bairro Nª Srª de Lourdes e saí novamente. Matriculei-me na USP - Instituto de Geociências - área de concentração Geologia Geral e de Aplicação. A tese sobre barragens foi desenvolvida no IPT. Nos anos que moramos lá fizemos muitas amizades, não só na esfera profissional, mas também na esfera de simples moradores de São Paulo. Por isso o retorno foi difícil. Poderia ter ficado na USP, tinha sido convidado com vaga assegurada, mas preferi manter o compromisso com a UFSM.

**APUSM: - Poderia destacar a contribuição que a pós-graduação deu para o ensino e pesquisa na UFSM?** - Estava, enfim, com a titulação que a carreira universitária exigia, embora esta qualificação não fosse tão exigida naquela época. Na década de 80, me caracterizei como professor de Geomorfologia no Curso de Geografia e de Geologia de Engenharia no Curso de Engenharia Civil, experiência esta que possibilitou escrever o livro "Introdução à Geologia de Engenharia", hoje na 3ª edição. Fui chefe do Departamento de Geociências de julho 1980 a agosto 1984, presidente da 1ª Comissão de Pesquisa do CCNE de julho 1982 a novembro 1986, vice-diretor do CCNE de novembro 1982 a novembro 1986. Em 1985 recebemos no Departamento de Geociências um bom recurso do PADCT (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para mapeamento geotécnico, cujos trabalhos coordenei.

**APUSM: - Percalços?** Em outubro de 1987 me acidentei, fiquei com seqüelas até hoje e tive de ficar inativo por um tempo. Em 13/08/1990 um acidente levou meu filho mais novo, o Rodrigo. Foi o maior golpe que sofri. Queria me aposentar para não fazer mais nada, pois nada interessava. Felizmente não consegui meu intento. Trabalhando, cumprindo minhas obrigações mais ou menos como um autômato, foi mais fácil superar o luto e a dor. Minha esposa Lucila saiu da FIC, Faculdade Imaculada Conceição, hoje UNIFRA, e não conseguiu superar um luto que passou a ser patológico. Em 21/09/1991 perdi meu pai. Em 12/05/1998 perdi minha mãe. Em compensação meu filho casou em 1997 e meu neto Lucas nasceu em 24/09/1997.

**APUSM: - Antes da aposentadoria que outras atuações teve na UFSM?** - De maio de 1992 a abril de 1994 fui coordenador do Curso de Especialização em Geografia. Em abril de 1994 me aposentei.

**APUSM: - A aposentadoria deixa o tempo livre para a pessoa se ocupar daquilo que gosta, mas muitas vezes esse "não ter o que fazer" passa a ser um problema ou motivo de desânimo e depressão.** - Preparei a aposentadoria. Tínhamos uma área de terra em Itaara e minha esposa queria morar lá. Era também uma fuga da cidade. Em 19/07/1994, já aposentado, inauguramos nossa nova residência, ainda não terminada, com uma missa comemorativa das bodas de prata. Até setembro de 1996 fiquei apenas cuidando desse sítio. Este foi meu período de exclusiva aposentadoria. Em setembro de 1996, por convite dos professores Hoffmann e Michel iniciei um trabalho no Centro de Tecnologia, com bolsa de um programa de reestudo da Engenharia. Em setembro do ano seguinte fui para Porto Alegre, como professor visitante, pago pela CAPES, no Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, área de Geotecnia, da UFRGS, ficando nessa função até setembro de 1999. Nesse mesmo mês fui contratado novamente pela UFSM como professor visitante do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil - Área de Recursos Hídricos, onde lectionei Hidrogeologia. Nesse período presidi a Comissão de Planejamento Ambiental do Campus. Permaneci nessa atividade até setembro de 2001. Em junho de 2002, por convite do Reitor Paulo Jorge Sarkis, assumi a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSM. Dentre as atividades que desenvolvi destaco a criação da Comissão de Ética em Pesquisa, a organização das linhas de pesquisa que resultou no Diretório de Pesquisa UFSM 2004 e o estudo para a criação do Parque Tecnológico que recebeu, no ano passado, as preferências da população para sua implantação. Em abril de 2004, deixei essa função. Minha última atuação na vida acadêmica foi como professor de Geologia nos cursos de Engenharia Ambiental, em 2007 e 2008, e de Geografia, em 2008, na UNIFRA. Procurando dar uma finalidade econômica ao sítio onde moramos, desenvolvi uma produção comercial de flores de 1999 até 2006. Como empresário fracassei. Como consultor de geologia, fiz vários trabalhos para a Bourscheid Engenharia e Meio Ambiente S.A., de Porto Alegre, a partir de 1998 até o presente ano. Sou responsável técnico de uma empresa de perfuração de poços, a Água Azul, desde 2005. Participo também com trabalhos profissionais, de uma cooperativa de prestação de serviços, a COOFLORAN. Participo ainda da Fundação Moã e do Movimento de Schoenstatt.

**APUSM: - O que mais ama na sua profissão?** - A objetividade. As rochas e a natureza que eu estudo não são influenciadas pelas correntes de opinião nem por modismos. Elas são o que são. Cabe a mim interpretá-las corretamente, voltar a elas para conferir, e daí tirar conclusões. Se minhas conclusões ou teorias não coincidirem com o que eu, ou qualquer um, estiver constatando na natureza, a teoria está errada e deve ser substituída por outra que tenha perfeita adequação com a natureza. Tentei passar essa visão ao menos nos últimos anos em que lectionei.

**APUSM: - Qual a conclusão que tira de sua vida profissional?** Hoje procuro diminuir o ritmo de trabalho profissional e tento dedicar-me mais à minha casa. Posso dizer que me realizei como profissional. Tive experiências variadas e no ensino sempre procurei ligar a teoria a questões práticas e concretas, o que requer alguma experiência profissional e nem sempre é fácil.